

# Gêmeas dependem de solidariedade

Marcelo Abreu  
Da equipe do Correio

Quando elas nasceram, o casal vivrou. Vieram em dose dupla. Eram gêmeas e ganharam os nomes de Raíssa e Rayane. O pai trabalhava como garçom. A mãe cuidaria das meninas. O salário dele daria para manter a casa. Não haveria luxo. Só teriam o essencial. Assim foi combinado. Assim pensavam tocar a vida. E assim sonharam.

Nada saiu como imaginaram. Quando as meninas tinham seis meses, a mãe as levou a um posto de saúde no Gama. Percebeu que elas não cresciam. Nem sentavam. E o pescoço não firmava. Parecia também que não enxergavam nem ouviam.

"Lá, o médico encaminhou a gente pra fazer alguns exames no Hospital do Gama. Minhas filhas tinham uma lesão no cérebro, uma paralisia. Foi a pior notícia da minha vida", confessa a mãe, a dona-de-casa Aldenira Alencar de Oliveira Santos. E ela chorou pela primeira vez ao ouvir a verdade daquele homem de jaleco branco.

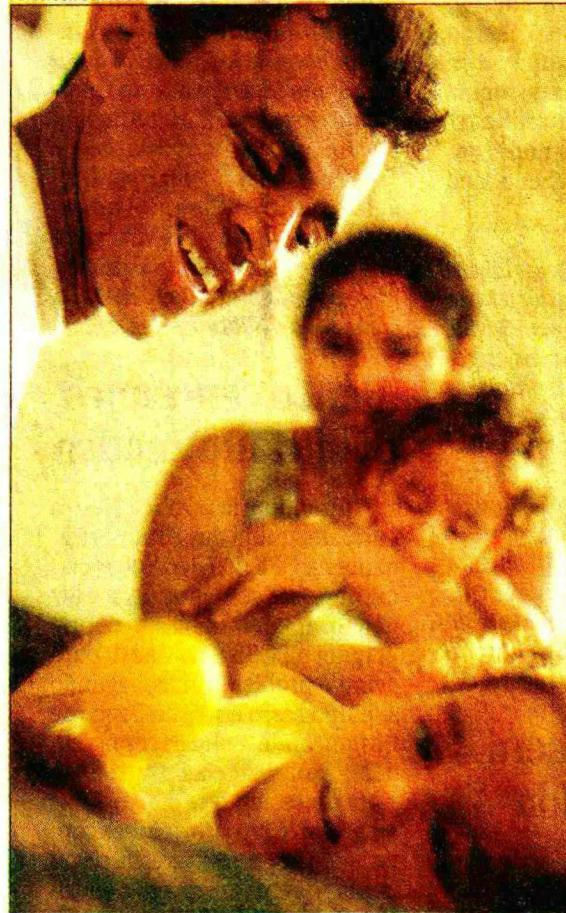
O pai, Josélion dos Santos Silva, de 26 anos, suportou calado a notícia. Conteve as lágrimas e pensou: "Agora, vou ter de trabalhar mais. Não pode faltar nada aqui em casa".

E trabalhou. Com o salário de garçom, em torno de R\$ 400, manteve o aluguel da casa, alimentação básica, remédios e roupas para as filhas. Fez milagre. Esqueceu-se dele mesmo.

Passaram-se os anos. Hoje, Raíssa e Rayane têm três anos. Cresceram um pouco, mas continuam tão dependentes — e doentes — quanto antes. Até a comida vêm à boca. Não falam nem andam. Usam colete cervical para manter firme o pescoço.

Os anos também deixaram marcas em Josélion. Há três meses, perdeu o emprego. O dinheiro acabou. O aluguel de R\$ 140 da casa de dois cômodos no Gama está atrasado há dois meses. A conta de água e luz também. O dono da casa já pediu o imóvel.

Anderson Schneider



*Sem trabalho, Josélion evita chorar diante das filhas, que sofrem de paralisia cerebral*

A família vive da caridade de uma vizinhança simples e generosa. Um traz um litro de leite; outro, quatro pães; mais outro, uma dúzia de bananas. "Não tenho dinheiro nem pra pegar ônibus", conta Josélion, envergonhado. Ele perdeu a referência. Assim como outras 190 mil pessoas desempregadas no Distrito Federal à procura de uma vaga no mercado de trabalho. "Só quero voltar a ter cidadania", implora o garçom. "O que é cidadania? É ser gente, poder sustentar minha família com dignidade", responde o paraibano que estudou só até o 1º Grau.

## LUTA DIÁRIA

Ele chora sufocando as lágrimas no travesseiro. Perto das filhas, até esboça um sorriso. Cansada, Aldenira é menos forte. Não esconde o choro. "Às vezes, pergunto por que tô vivendo isso. Por que tenho que sofrer tanto. Depois, me agarro a Deus e entendo que Ele tem uma razão pra tudo na vida", resigna-se a moça de 22 anos.

Todos os dias, logo cedo, Josélion pega um ônibus até o Plano Piloto.

Vai atrás de emprego. O dinheiro é dado pelos vizinhos, tão carentes quanto ele. "Subo e desço a W3 Sul e Norte. Entro nos restaurantes, nos bares, faço ficha, e eles dizem que vão me ligar. Nunca retornam. Eu já tô perdendo a esperança", desespera-se.

Em casa, ansiosa, Aldenira espera que o marido chegue da rua com boas notícias. Cada volta é uma expectativa. Em vão. Josélion nada tem para contar. No meio da dor daquele casal, as duas filhas deficientes são o acalento. Aldenira abraça Rayane. Josélion beija Raíssa. E as lágrimas dela são incontidas. "Eu tenho fé que um dia elas vão

andar", acredita ela. "Tenho consciência de que elas vão precisar da gente pro resto da vida. Nunca vou abandonar elas (sic)", jura ele.

No almoço de ontem, havia macarrão, arroz e feijão. Tudo dado pela caridade alheia. No final da manhã, chegaram dois litros de leite e seis pães. E assim o desempregado Josélion e a dona-de-casa Aldenira passaram mais um dia. Só não sabem até quando a generosidade dos outros vai durar. Eles sabem que nada é para sempre.

Deitadas no colo dos pais, Raíssa e Rayane nada entendem. Não sabem do sofrimento que os dois vivem. Não sabem que Josélion está desempregado. Que ele chora escondido e se desespera diante da impotência. Nem sabem que Aldenira rezava para que um dia — como milagre — elas acordem e andem.

Melhor que não saibam mesmo.

## SERVIÇO

*Quem quiser ajudar o casal pode ligar para 556-8459 (Luzimar) ou ir à Quadra 3, loja 12 (em cima da Vidraçaria Soares, entrada por trás), no Setor Oeste do Gama.*